

RESENHAS

Livros e editoras marxistas em evidência

Carlos Fernando de Quadros¹

Resenha de: DEAECTO, Marisa M.; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: UFMG, 2013.

A publicação de “*Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*” é uma importante contribuição tanto para o campo de estudos da história do livro e da leitura quanto para a seara da história do marxismo. Os organizadores, Marisa Midori Deaecto e Jean-Yves Mollier, possuem experiência comprovada com as temáticas. Deaecto é organizadora, junto de Lincoln Secco, da coletânea “Edgard Carone, Leituras marxistas e outros estudos”², na qual encontram-se reunidos alguns artigos do historiador e bibliófilo paulista Edgard Carone. Percebe-se, no livro aqui resenhado, a continuidade do projeto intelectual de Carone, autor de estudos incontornáveis na história do livro e da edição marxista. Mollier, por sua vez, tem publicado no Brasil “*A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaios de História Cultural”³, bem como organizou, ao lado de Eliana Freitas Dutra, “*Política, Nação e Edição*. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX”⁴.

A obra é dividida em três partes relativamente autônomas. A primeira é dedicada ao Brasil e é composta de quatro estudos. Na terceira a atenção é voltada à França, também através de quatro capítulos. Pode-se dizer que a união entre estes dois esforços de leitura que carregam semelhanças, mas poderiam muito bem constituir livros independentes, se dá através da segunda parte da coletânea, de nome “A arte do livro comunista. Uma breve e imodesta exposição”. De fato, não é modesta, e sim um alento visual aos leitores, completando o belíssimo acabamento gráfico da obra, como não poderia deixar de ser em um caso de dedicação intelectual (e por vezes afetiva, como se percebe na leitura de variados pontos de *Edição e revolução*) à problemática do livro e da edição.

Na abertura de sua exposição gráfica os organizadores, em uma linha, deixam claro aquele que pode ser um dos propósitos maiores a legitimar seus estudos:

¹ Doutorando em História Econômica e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo-USP. E-mail: carlosquadros@gmail.com

² SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa M. (orgs.). *Edgard Carone*. Leituras Marxistas e Outros Estudos. São Paulo: Xamã, 2004.

³ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaios de História Cultural. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

⁴ MOLLIER, Jean-Yves; DUTRA, Eliana Freitas. *Política, Nação e Edição*. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

“a vitória dos livros sobre o esquecimento” (p. 185). O empreendimento é frutífero, abrangendo uma miríade de livros e periódicos de ambas as nações objeto de estudo nesta obra. Atentos às lições passadas e aos esforços presentes referentes à problemática do comunismo, não seria demasiado perceber uma preocupação política com vistas ao futuro da parte destes autores. Retornando esta análise à beleza estética da sessão, destacam-se tanto os clássicos que ainda frequentam a biblioteca marxista, como “*O Estado e a Revolução*”, de Lênin e as variadas edições brasileiras do “*Manifesto Comunista*”, de Marx e Engels, quanto raridades dignas de bibliófilos, em especial os periódicos estrangeiros *Etudes soviétiques* e *La nouvelle critique*.

Precede a citada estrutura de capítulos o prefácio de Marisa Deaecto, sugestivamente intitulado “A Batalha do Livro”. A historiadora parte das análises de Edgard Carone, atento à trajetória editorial no Brasil, para uma análise ampla do movimento operário europeu, remetendo às preocupações originais de Marx e Engels com a problemática dos “meios da produção intelectual”. Ultrapassa os limites geográficos da Europa Ocidental com a Revolução Russa de 1917, resultante na III Internacional (1919-1943), em que a estratégia de agitação e propaganda (*agitprop*) é uma marca fundamental.

A *agitprop* consiste na formação de quadros para os PCs locais, em que a leitura das obras pertinentes é essencial, bem como na criação de mecanismos de comunicação através de revistas, jornais, editoras etc. É a partir de tal ponto que Deaecto retorna seu foco à leitura, leitores e o esforço editorial empreendido pela URSS e PCs correspondentes, objetos privilegiados nos estudos que organiza. Afinal, se como já escrito, ler é algo fundamental e recorrente na formação do militante, não surpreende que “a URSS montara uma estrutura editorial talvez sem par na história do livro contemporâneo” (p. 15), tornando esta atividade uma “questão de Estado”.

Os comunistas brasileiros, presentes nos evocados estudos de Edgard Carone e objeto de atenção na primeira parte deste livro, são introduzidos por Marisa Deaecto em seu prefácio através de suas primeiras leituras marxistas (em outras línguas que não o português, notadamente a francesa), proporcionadas pelas edições fomentadas pela Internacional Comunista. Insinuados os primeiros contatos da militância brasileira com a da França, diálogo cultural e político que legitima o recorte espacial escolhido, cabem as ponderações de ordem objetiva. Os meios de então sofriam de precariedades e os comunistas que se apropriaram da literatura marxista eram pouquíssimos frente o movimento operário em geral. O Estado brasileiro, assumindo formas autoritárias, em muito atrapalhou as possibilidades de estruturação editorial. Dar conta da trajetória dos comunistas frente a tais intempéries e obstáculos (conjunturais e estruturais) é o que se propõem os autores a seguir apresentados.

Lincoln Secco, com “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”, inicia os estudos dedicados exclusivamente ao Brasil nesta obra. Partindo de um recorte cronológico bastante semelhante ao utilizado por Carone em seu primeiro volume do clássico “*O PCB*”⁵, o autor está atento aqui à “circulação, a oferta, os preços, os

⁵ CARONE, Edgard. *O PCB*: vol. 1, 1922-1943. São Paulo: Difel, 1982.

leitores potenciais”⁶. Com este enfoque, o historiador acompanha a evolução organizativa do Partido Comunista do Brasil em suas duas primeiras décadas de atividade, construindo, assim, uma interpretação das condições materiais de produção e circulação das ideias marxistas nesta margem do Atlântico (e também de como neste espaço, seguindo àquela tradição, foram importados e difundidos os autores e pensamento autorizado pelo *Komintern*), procedimento que em si, já pode servir como exemplo metodológico de uma renovação nas formas de se estudar a história da esquerda.

Os historiadores Dainis Karepovs e Flammarion Maués produzem estudos de recorte mais delimitado que o de Secco, atentando para os casos da Gráfico-Editora Unitas e da Editorial Vitória, respectivamente.

Em “A Gráfico-Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos Anos 1930”, Karepovs retoma as iniciativas editoriais comunistas no bojo do processo social em que se gestam, o do ingresso dos trabalhadores e suas formas organizativas na cena política nacional, bem como o da reação conservadora a estes, expressa, por exemplo, nas perseguições decorrentes da “Lei Monstro” de 1935. Das casas de edição surgidas na esquerda brasileira de tal conjuntura, o historiador ajusta seu foco à Unitas. O seu diferencial encontra-se em sua orientação trotskista, já marginalizada em decorrência da disputa interna no seio do PCUS entre Stálin e Trotsky, a qual se reflete nos desenvolvimentos do movimento comunista internacional como um todo. O proprietário era Salvador Pintaúde, membro da Liga Comunista do Brasil, onde era um dos responsáveis por sua *agitprop*.

Flammarion Maués detém a sua atenção naquela que foi a mais destacada editora ligada aos comunistas brasileiros em “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)”. Sua criação é decorrente das potencialidades que a legalidade (de curtíssima duração) abriu ao PCB, sendo originalmente voltada a romance, literatura de guerra e livros de ideologia, servindo enquanto um importante instrumento de atuação partidária. Talvez o principal diferencial da Editorial Vitória esteja em assumir a publicação, no Brasil, das principais obras autorizadas da Academia de Ciências da URSS. Produção esta que é traduzida por importantes quadros comunistas, com destaque para Jacob Gorender. Assim como feito por Karepovs, o autor do corrente capítulo brinda os leitores com um levantamento da produção desta editora, o que é de boa ajuda aos pesquisadores interessados na temática ou no período.

Angélica Lovatto condensa a sua tese de doutorado em “Um Projeto de Revolução Brasileira no Pré-1964: Os *Cadernos do Povo Brasileiro*”, último capítulo da sessão referente ao Brasil. Neste texto, Lovatto dá conta da complexa conjuntura imediatamente anterior ao golpe civil-militar de abril de 1964, destacando as expressões ideológicas dos projetos políticos então em disputa. Para tanto, insere os *cadernos* nas mobilizações nacionalistas de esquerda contemporâneas,

⁶ SECCO, Lincoln. Leituras Comunistas no Brasil. IN: DEAECTO, Marisa M.; YVES-MOLLIER, Jean. (orgs.). *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 30.

constantemente acompanhando o movimento destas em oposição às articulações de direita localizadas em famigerados institutos e na Escola Superior de Guerra. A coleção é gestada no seio do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), refletindo o projeto de revolução brasileira presente neste – uma questão candente e central na conjuntura estudada, frise-se. Suas publicações alcançaram popularidade considerável, como demonstra a autora através da impressionante tiragem de um milhão de cópias. Contribuiu para tanto, argumenta Lovatto, as potencialidades “não-acadêmicas” dos *cadernos*, gestados por autores e editor como uma intervenção política na realidade com vistas à formação do povo brasileiro frente à sua Revolução a ser feita.

Em resumo, percebe-se que as diferentes fases da difusão do marxismo no Brasil até o fatídico ano de 1964 encontram-se plenamente representadas nos estudos em tela, indo além dos marcos do Partido Comunista, que se é o ator principal deste processo, não é único, sendo os trotskistas e a esquerda de tons nacionalistas também contemplados neste livro.

Os estudos sobre as leituras comunistas na França, por sua vez, possuem um caráter de síntese mais acentuado que o seu par brasileiro, o que ajuda na leitura de muitos que possivelmente estarão em seus primeiros passos no que toca os estudos sobre o Partido Comunista Francês e sua rede editorial.

É indício de um possível esforço introdutório nos escritos dos historiadores franceses o capítulo de abertura, de punho do organizador Jean-Yves Mollier, de título “Grandes Momentos do Livro Político na França”. Neste, há um panorama iniciado em julho de 1789, hora em que temos a “erupção da política”, e que finaliza com perspectivas críticas para a década corrente, tanto no nível da grande política quanto no âmbito mais restrito do livro político, este também sob o impasse decorrente das possibilidades abertas pela difusão da *internet* e, par com esta, os crescentes “livros desmaterializados” e os impactos que ambos podem assumir nas comunicações e na construção e difusão do conhecimento. A atenção deste historiador é na relação assumida entre os processos político-ideológicos e as novas possibilidades que estes abrem de relato, análise e propaganda revolucionária.

Os aparelhos culturais do PCF, especificamente, recebem a sua devida atenção no sexto e sétimo capítulo de *Edição e revolução*. A historiadora Marie-Cécile Boujou produziu um texto bastante próximo do de alguns dos pares brasileiros que compõem a primeira parte da obra, focalizando “O Livro na Política: As Editoras do Partido Comunista Francês (1920-1958)”. Tomando as editoras enquanto “espelho do comunismo na França”, Boujou produz uma apreciação processual das mesmas, focalizando os diferentes enfoques adotados pelo PCF, em consonância tanto com as mudanças táticas empreendidas pelo mesmo quanto com as condicionantes conjunturais que incidem sobre a atuação comunista.

Julien Hage escreve o que considera um “trabalho global de antropologia do mundo comunista”. Com o título “As Livrarias do Partido Comunista Francês (1944-2000)”, a investigação é atenta à rede de livrarias que o PCF constitui em todo o território francês, uma iniciativa distinta do que até então se conhecia em tal âmbito. Uma amálgama de influências informava esta empresa, da tradição iluminista às

recomendações de Lênin com vistas à direção proletária da atividade de leitura, imprimindo-lhe novas tonalidades e sentidos. O sentido maior que adquiriram em sua existência foi o de enraizar o partido nas cidades francesas em que se situavam. Hage se vale de abordagem semelhante à de Boujou, porém abarcando um momento diverso, em que pode tecer considerações acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a produção comunista, algo a se articular com as importantes discussões em torno desses efeitos sobre a atividade prática e organizativa dos comunistas.

Serge Wolikow, em “História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu”, capítulo último da obra, nos expõe aquela que poderia ser recomendada como uma primeira aproximação aos estudos do livro e da edição. O autor discorre sobre as relações entre o que se passa na Rússia, espaço central para o movimento comunista internacional, e os seus efeitos nos vizinhos europeus. A atividade editorial comunista é acompanhada por todo o século XX, das incertezas iniciais após a tomada do poder pelos bolcheviques à crise no final da centúria, o que ilumina os capítulos precedentes, os completa, na medida em que pode esclarecer pontos nebulosos àqueles que desconhecem a relação da URSS com as muitas sessões nacionais da IC. Enriquecem também este capítulo os documentos que seu autor publica enquanto anexos, extraídos dos arquivos da Internacional Comunista e do Partido Comunista Francês.

É marca comum a todos os capítulos do livro a problemática da difusão das ideias políticas revolucionárias – instituições, mecanismos, agentes envolvidos. Esta preocupação a nortear tais textos já torna *Edição e revolução* obra obrigatória aos interessados na ação política marxista. Fica clara também a necessidade de uma continuidade deste esforço, avançando o recorte temporal para mais próximo ao presente. Ainda há um grande número de casas editoriais, no âmbito das leituras comunistas, a serem estudadas com relação à sua atuação no período pós-1964. Paz e Terra, Civilização Brasileira e Brasiliense, por exemplo, são algumas das mais importantes destas. Há que se estar atento às particularidades conjunturais em que se inserem estes diferentes empreendimentos. Também merecem um estudo digno de sua monta as novas editoras de esquerda a grassarem no cenário brasileiro nas duas últimas décadas, como a Editora Expressão Popular e a Boitempo Editorial, as quais constituem verdadeiros centros do que de mais criativo e combativo tem surgido no pensamento radical recente, também sendo marcadas pelo esforço de reedição de clássicos do marxismo. Os estudiosos brasileiros merecem e demandam a continuidade de trabalhos desta qualidade.

Resenha recebida em 6.3.2018

Aprovada em 2.5.2018